

**Docência e as relações escolares: contribuições da Psicologia Histórico-Cultural**  
**Teaching and school relations: contributions of Historical-Cultural Psychology**  
**La enseñanza y las relaciones escolares: aportes de la Psicología Histórico-Cultural**

Recebido: 08/07/2020 | Revisado: 09/07/2020 | Aceito: 10/07/2020 | Publicado: 27/07/2020

**Eveline Tonelotto Barbosa Pott**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8263-6093>

Universidade Paulista, Brasil

E-mail: [evelinebarbosaa@gmail.com](mailto:evelinebarbosaa@gmail.com)

**Resumo**

O presente artigo tem como objetivo problematizar e refletir sobre alguns elementos que dificultam o fazer docente na atual conjuntura em um contexto de educação pública, em especial em relação ao modo como compreendem e vivenciam as relações de respeito na escola. As acepções apresentadas neste artigo tomam-se como base teórica a Psicologia Histórico-Cultural, em especial as ideias de Vigotski. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, com características de pesquisa ação, sendo realizada em uma escola estadual, localizada no interior do estado de São Paulo. Para tanto, foi realizado encontros semanais com alunos e professores a fim de promover intervenções que buscassem resultar em reflexões sobre o respeito nas práticas escolas. Os encontros foram realizados em parceria com duas professoras, as quais constituem-se como participantes deste estudo. Na análise, destacou-se a questão do respeito ou sua ausência como principal demanda por parte dos professores na relação com os alunos. Constatou-se que apesar das professoras atribuírem aos alunos a causa do desrespeito que convivem cotidianamente, observou-se que tal sentimento é fruto de um contexto mais complexo que envolve as condições de trabalho que os docentes estão submetidos, fonte muitas vezes de adoecimento físico e psicológico.

**Palavras-chave:** Psicologia educacional; Docentes; Respeito; Ensino.

**Abstract**

This article aims to problematize and reflect on some elements that hinder the teaching profession in the current conjuncture, in a context of public education, and especially in relation to the way they understand and experience respectful relationships at school. The aceptions presented in this article are based on Historical-Cultural Psychology as a theoretical

basis, especially the ideas of Vigotski. It is a qualitative research, with characteristics of action research, being carried out in a state school, located in the interior of the state of São Paulo. To this end, weekly meetings were held with students and teachers in order to promote interventions that sought to result in reflections on respect for school practices. The meetings were held in partnership with two teachers, who are participating in this study. In the analysis, the issue of respect or its absence was highlighted as the main demand on the part of teachers in their relationship with students. It was found that despite the teachers attributing to students the cause of disrespect that they live with on a daily basis, it was observed that such feeling is the result of a more complex context that involves the working conditions that teachers are subjected to, often a source of physical illness and psychological.

**Keywords:** Educational psychology; Teachers; Respect; Teaching.

### **Resumen**

Este artículo pretende problematizar y reflexionar sobre algunos elementos que obstaculizan la profesión docente en la coyuntura actual en un contexto de educación pública, y especialmente en relación con la forma en que entienden y experimentan relaciones respetuosas en la escuela. Los significados presentados en este artículo se basan en la psicología histórico-cultural como base teórica, especialmente las ideas de Vigotski. Es una investigación cualitativa, con características de investigación de acción, que se realiza en una escuela estatal, ubicada en el interior del estado de São Paulo. Con este fin, se llevaron a cabo reuniones semanales con estudiantes y maestros para promover intervenciones que buscaran dar lugar a reflexiones sobre el respeto a las prácticas escolares. Las reuniones se llevaron a cabo en asociación con dos maestros, que participan en este estudio. En el análisis, la cuestión del respeto o su ausencia se destacó como la principal demanda por parte de los docentes en su relación con los estudiantes. Se descubrió que aunque los maestros atribuyen a los estudiantes la causa de la falta de respeto con la que viven a diario, se observó que ese sentimiento es el resultado de un contexto más complejo que involucra las condiciones de trabajo a las que están sujetos los maestros, a menudo una fuente de enfermedad física y mental.

**Palabras clave:** Psicología educativa; Maestros; Respeto; Enseñanza.

## 1. Introdução

Na atual conjuntura, ser professor da educação básica não se constitui como tarefa fácil. Segundo estudos recentes (Oliveira 2019; Soares, Oliveira & Batista, 2017; Hanzelmann, 2020; Abacar *et al.*, 2020), inúmeros são os dilemas e problemas que afetam cotidianamente o professor, favorecendo muitas vezes seu adoecimento físico e psicológico. Neste contexto, cresce cada vez mais o índice de professores afastados por problemas causados pelas relações de trabalho (Moreira & Rodrigues, 2018). Sendo assim, torna-se importante e necessário investigar as condições de trabalho docente e o modo como esse profissional vivencia as relações no interior da escola. Para tanto, este artigo tem como objetivo problematizar e dar visibilidade a alguns elementos que dificultam o fazer docente na atual conjuntura em um contexto de educação pública, e em especial em relação ao modo como compreendem e vivenciam as relações de respeito na escola.

As acepções apresentadas neste artigo tomam-se como base teórica a Psicologia Histórico-Cultural, em especial as ideias de Vigotski. Segundo este teórico, o processo de desenvolvimento humano se constitui a partir das relações sociais em que o sujeito participa e colabora, sendo fonte e resultado do desenvolvimento das funções psicológicas superiores as quais nos caracterizam como seres humanos capazes de desenvolver o pensamento, fala, imaginação, emoção, dentre muitas outras. São nas relações sociais que o sujeito significa suas experiências cotidianas, constituindo assim seu modo de pensar e agir (Vigotski, 1997, 1995, 1991).

Esses fundamentos permitem compreender as relações escolares constituídas e mantidas a partir de uma prática social em que significados e sentidos vão sendo configurados e favorecem a construção de atributos como “bom”, “mal”, “desrespeito”, “respeito”, entre outros conceitos que guiam o modo como compreendemos nossa atividade e papel na relação com a sociedade.

Nas práticas escolares, um dos aspectos que mais se destaca na fala de professores e gestores é a questão do respeito ou sua ausência nas relações com adolescentes (Barbosa & Souza, 2015), expresso em falas como por exemplo: "João não respeita a professora", "Maria foi muito desrespeitosa com seu colega", entre outros discursos. O respeito pode ser compreendido com um afeto que é significado e constituído nas práticas sociais, e está na base das relações éticas e morais. Neste sentido, o respeito é condição necessária para a construção de relações saudáveis e que sejam promotoras do processo de desenvolvimento humano. Ainda, é importante destacar que valores morais como o respeito, variam de acordo

com a época histórica e cultura, já que cada contexto irá configurar os atributos necessários para classificar uma ação como respeitosa ou desrespeitosa (Barbosa & Souza, 2015). É por esta característica cultural e histórica dos valores morais que existem conflitos nas relações humanas e no interior da escola: não há compartilhamento de valores entre as diferentes gerações (Souza, 2005). É neste sentido que tem-se o desafio de neste estudo compreender o que docentes concebem sobre a questão do respeito no contexto escolar.

## 2. Metodologia

Este estudo se configura como uma pesquisa ação, uma vez que o objeto de estudo é investigado em seu próprio contexto e busca a transformação da realidade ao mesmo tempo que a conhece. Neste sentido, trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa que busca aprofundar algumas das vivências de docentes no contexto escolar (Severino, 2007).

A presente pesquisa foi realizada em uma escola estadual pública, localizada no interior do estado de São Paulo. Os encontros de intervenção foram realizados ao longo de um ano, totalizando 14 encontros, com duração de 50 minutos cada, os quais foram realizados durante as aulas de língua portuguesa, envolvendo três turmas de alunos do 6º ano do ensino fundamental. Estes encontros tiveram como objetivo proporcionar um espaço de reflexão com os alunos, enfocando principalmente a questão dos valores, como o respeito nas relações escolares. Para tanto, foi proposta a contação de histórias, principalmente crônicas e contos literários com temas relacionados à questão do respeito. Os encontros foram realizados em parceria com duas professoras, as quais constituem-se como participantes deste estudo, cujo nome fictício é Debora e Clara:

Debora : possui 32 anos, casada, sem filhos. Professora responsável pela disciplina de Língua Portuguesa em diferentes turmas e anos. É graduada em Letras, possui curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Psicopedagogia. Apesar dos estudos focados para a docência, a professora possui o desejo de mudar de profissão e cursar a Faculdade de Medicina.

Clara: possui 22 anos, solteira, sem filhos. Professora responsável pela disciplina de Língua Portuguesa de diferentes turmas e anos. É recém-graduada em Letras e está em seu primeiro trabalho como docente, atuando na escola lócus da pesquisa há um ano.

Constituiu-se como fonte de informações as observações realizadas durante os encontros de intervenção, e também uma entrevista semiestruturada. As observações em sala de aula foram registradas em diário de campo após os encontros, enquanto que as entrevistas

foram realizadas individualmente, em local privado, gravadas em áudio e transcritas logo após os encontros.

Com base nas informações acessadas, realizou-se leituras consecutivas a fim de acessar os indicadores e em seguida a construção de categorias (Gonzalez Rey, 2005) que fossem expressivas sobre as relações na escola, em especial no que refere-se a questão do respeito.

Este estudo seguiu todas as orientações necessárias para a realização de pesquisa com seres humanos, sendo aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa.

### 3. Resultados e Discussão

Durante a realização deste estudo, o elemento que mais se destacou nas falas das professoras foi o que denominaram como falta de respeito dos alunos na relação com elas e toda a escola. Neste sentido, alguns questionamentos foram sendo provocados: o que as professoras entendem pela questão do respeito? Ainda, quais são as ações e atitudes dos alunos que as fazem compreender como respeito? Estas foram questões que nortearam o presente estudo e que se destacaram ao longo do contato com a escola, conforme é apresentado no relato a seguir:

*Primeiro dia de observação em sala de aula da professora Debora. Enquanto aguardamos os alunos do 6º ano retornar do intervalo, Debora comenta: eles (referindo-se aos alunos do 6º ano) não têm respeito e a gente acaba perdendo a autoridade. Os alunos retornam à sala de aula e observo. Durante a aula os alunos conversam bastante, o que obriga por diversas vezes a professora elevar seu tom de voz. Ao término da aula conversei com a professora Debora, aparentemente bem cansada, que comenta que o trabalho com os alunos do 6º ano não rende, necessitando fazer pausas constantes e aumentar o tom de voz (...). (Diário de Campo).*

*Quando entrei aqui, a única coisa que os outros professores indagavam era o motivo de minha escolha profissional, afirmando que os alunos não tinham respeito e que eu era louca (...). Pergunto para a professora se o desrespeito é comum em todos os alunos. Acho que é diferente o desrespeito no ensino fundamental e no ensino médio. No ensino médio o aluno ignora o professor, não participa e isso para mim é*

*desrespeito. Eles são apáticos. Agora os alunos do 6º ano são mais agitados, querem participar de tudo, mas falam ao mesmo tempo e eu não consigo ministrar minha aula. Pergunto para a professora qual o motivo da apatia dos alunos do ensino médio. Acho que é uma característica da nossa sociedade, as pessoas tornam-se mais apáticas (Entrevista com a professora Clara).*

A fala da professora Debora corrobora a observação citada anteriormente acerca do desrespeito em relação à profissão, associando este sentimento aos alunos de 6º ano. Contraditoriamente, no decorrer do ano letivo em que acompanhou-se as salas de 6º ano, observou-se a existência de um vínculo afetivo positivo entre os alunos e a professora Debora. Os alunos, na maioria das vezes, participavam das atividades propostas pela professora, tiravam dúvidas da matéria e conversavam com ela sobre namoro, amizade e outros assuntos. A professora mostrava-se atenciosa e carinhosa com os alunos, que pareciam gostar e admirar sua competência, sendo concebida pela maioria deles como autoridade em sala de aula. Esta contradição ocorre pois a relação entre o sujeito e o meio resulta em vivências únicas, singulares, sendo que cada sujeito configura sentidos e significados únicos às situações vivenciadas (Vigotski, 1931). Neste aspecto, resta compreender o que sustenta a vivência de desrespeito pela professora. O que pode-se afirmar é que a professora Debora tem experiência com a docência e parece ter uma concepção prévia sobre os alunos, construída historicamente a partir do contato com outros alunos.

A fala da professora Clara, recém ingressa na carreira docente, sobre o discurso dos demais professores em seu primeiro ano de trabalho demonstra a consolidação da representação de que os alunos não respeitam. Neste momento, aponta-se o indicador de que para as professoras o desrespeito praticado pelos alunos é corriqueiro, dado como algo *a priori* e, muitas vezes, concebido com certa naturalização. Segundo Bock (2004), o processo de naturalização na escola dificulta a conscientização dos problemas escolares, visto que ao conceber um determinado fenômeno como natural o sujeito se exime da responsabilidade em promover mudanças. Assim, é necessário destacar as situações concretas na escola que promovem relações de desrespeito e respeito, a fim de questionar e refletir sobre tais práticas.

A concepção da agitação dos alunos de 6º ano como desrespeito ao professor foi outro elemento observado nas falas das professoras. Apesar da agitação dos alunos descrita pela professora Debora, durante as observações em sala de aula notou-se que na maioria das atividades propostas os alunos participavam, discutiam e expressavam seus afetos. No entanto, parece que a professora vivencia a agitação dos alunos de outro modo, como algo que

dificulta a aprendizagem e seu trabalho, queixando-se rotineiramente de dor de cabeça e dificuldade de concentração.

A partir destas observações, aponta-se a associação do desrespeito dos alunos de 6º ano à agitação em sala de aula, conversas e ao desgaste das professoras em tentar controlá-los. Isto justifica o movimento e a preocupação das professoras em controlar o barulho e agitação dos alunos, sem considerar o significado de tal forma de expressão para os alunos.

Ao serem questionadas sobre o que é respeito e desrespeito, as professoras expressaram a seguinte concepção:

*Geralmente as atitudes dos alunos que demonstram respeito são os que ouvem mais (...) tem um respaldo, questiona e participa das aulas. Não é só porque o aluno é quieto, tem alunos falantes que respeitam. Agora a atitude de desrespeito é principalmente quando você pede ao aluno uma atividade, e ele vem com grosseria, levanta, corre, pula e se joga no chão. O desrespeito que digo é quando você pede alguma coisa e te esnobam. Você pede para fazer e eles negam. Eu digo que mandarei bilhete aos pais e eles retrucam: e daí? Meu pai não vai falar nada (Entrevista com a professora Debora).*

*As atitudes que demonstram respeito são: escutar, dar o retorno ao professor, falar se gostou ou não, mas falar de uma forma não agressiva. Às vezes dou uma atividade e fico esperando algum retorno dos alunos: se gostou ou não, algum comentário. Agora atitudes de desrespeito são: ignorar o que o professor está falando, fingir que não está ouvindo, ofensa verbal, ironia e petulância. Nunca aconteceu comigo, mas já vi professores comentarem que o aluno falou: Quem você pensa que é? E também às vezes anula a presença do professor, e é bem essa a sensação: Eu estou falando para a parede. É isso que sinto, parece que você explica, mas ninguém está ouvindo (Entrevista professora Clara).*

Estas falas demonstram de modo claro que respeitar, na visão das professoras, é quando o aluno é atento às instruções dos professores, participando das atividades propostas. Em contrapartida, o desrespeito é associado à desatenção e às ofensas verbais ao professor. Ao analisar a fala da professora Debora, evidencia-se uma contradição em seu discurso. Se no início do ano letivo queixava-se da agitação dos alunos e do barulho em sala de aula, ao término do ano, novos sentidos foram configurados. O que inicialmente era concebido como

atitude desrespeitosa, posteriormente passou a não ser. A evidente mudança de sentido transcorreu ao longo do ano letivo, decorrente da nítida vinculação da professora com os alunos, principalmente pela melhoria das notas dos alunos permitindo à professora visualizar o resultado de seu trabalho.

No início da intervenção com os alunos, sob o olhar da professora Debora, a maneira como a sala era disposta (alunos sentados em uma plano no chão e em círculo) aumentava a agitação e a conversa entre eles, conforme observa-se a seguir:

*Estou na escola a caminho da sala do 6º ano-I e encontro com a professora Debora, que sugere modificar a disposição dos alunos nas atividades de contação de histórias. Debora pergunta se poderíamos deixar os alunos sentados na cadeira, enfileirados como de costume, para observar se assim iriam permanecer quietos. Neste dia, acato a sugestão da professora para observar qual seria a reação dos alunos. Os alunos chegam à sala, e logo começam a perguntar: Cadê o lençol? Você vai dar prova? Todos se sentam nas cadeiras, escureço a sala e coloco um fundo musical como de costume para contar a história. Ao término da contação, paro a música e todos ficam me observando, quietos, paralisados. Quase nenhum aluno quis falar, inclusive nas três salas a atividade de contação de história acabou antes do término da aula, o que nunca havia acontecido nos encontros anteriores. No final do dia converso com a professora Debora sobre a reação dos alunos e que o intuito da atividade de contação de histórias era que os alunos falassem e expressassem seus afetos. Debora parece concordar e juntas decidimos voltar com a disposição anterior (Diário de Campo).*

Durante os encontros com os alunos, observou-se que na maioria das vezes a agitação e a conversa associavam-se ao desejo de participar, de expressar suas ideias e contar outras histórias. Portanto, notou-se nos alunos a não intencionalidade em desrespeitar o professor, visto que este comportamento considerado “agitado” em sala de aula era uma forma dos alunos serem sujeitos. Outro fator importante a ser considerado é que no início da fase da adolescência o sujeito utiliza-se da fala externa para organizar seu pensamento e também para torná-lo lógico, o que explicaria a conversa em sala de aula. No entanto, uma vez que a intensa agitação e conversa dos alunos em sala exercitavam a fala, mas pouco a escuta, a outra função da fala externa – a comunicação – em alguns momentos não era exercida (Vigotski, 1931). Tais atitudes dificultavam o avanço das reflexões do grupo. Interessante observar a

solução encontrada pela professora Debora na cena acima – organizar os alunos enfileirados, com os olhares direcionados ao pesquisador, o que de certa forma resultou no silêncio dos alunos. Silêncio este acanhado, paralisador, e não dialógico. Algumas reflexões foram feitas com a professora a respeito do silêncio apresentado pelos alunos e o quanto isto dificultava o avanço do grupo.

Ao término do ano letivo, a professora Debora parecia não se incomodar tanto com a “agitação” dos alunos. Passou a participar das atividades de contação de história, por tirar fotos dos alunos e também contar suas histórias. Parecia que a concepção de que “os alunos não respeitam” fora desconstruída ao longo do contato da professora com os alunos. Avançando na análise, ao serem questionadas sobre suas vivências de respeito e desrespeito na escola, as professoras relatam:

*Uma aluna da 8ª série estava picotando em sua mesa um anticoncepcional, fingindo que o estava cheirando. Quando eu chamei sua atenção, ela disse: Ah fica quieta ô! Você não é nada! Mandeí ela sair da sala e ela não saiu e disse: Você não manda em mim! Me xingou de tudo quanto era nome. Mandeí chamar a mãe, que disse que nunca mais queria vir à escola, porque era obrigação da escola tomar providências, não dela. (...) De respeito? (referindo-se às atitudes de respeito dos alunos) acho que isso é todos os dias; todos os dias tem alguém que faz alguma coisa, são pequenos gestos que mudam, que fazem a diferença. Então tem todo dia alguém mostrando isso. Nos primeiros dias de aula, os alunos entravam na sala sem pedir licença. Eu fazia a sala inteira voltar e entrar novamente, porque eles têm que aprender esses pequenos gestos. Agora os alunos entram um de cada vez: Dá licença, Dona! E vai entrando. (Entrevista professora Debora).*

*Eu estava guardando as coisas na sala de aula e o armário estava aberto. Duas meninas pegaram duas caixas de lápis e um aluno veio me avisar. A atitude desse garoto de avisar, para mim é uma situação respeitosa. Fui conversar com as duas garotas, mas elas negaram, falaram que não foram elas. Chamei os pais e eles também negaram. Depois de um tempo uma outra professora foi conversar com as meninas e elas assumiram o roubo das caixas de lápis. Isso para mim foi um desrespeito, porque as meninas não contaram para mim. Também um desrespeito da escola que na época ninguém fez nada para me ajudar (Entrevista professora Clara).*

Observa-se na cena descrita pela professora Debora, a ultrapassagem dos limites de respeito de si e do outro na atitude da aluna. O apontamento da professora para o pedido de licença antes de entrar em sala de aula e para chamá-la de “Dona” associa-se, na visão da professora, às atitudes respeitadas – “*Dá licença Dona!*”. A palavra “Dona” é utilizada pelos alunos e também pelos próprios professores; muitas vezes a professora Debora referia-se à pesquisadora da seguinte forma: “*Deixa a Dona Eveline falar*”. Para a professora Clara, o fato dos alunos negarem a ela o roubo das caixas de lápis, mas assumirem para a outra professora significa desrespeito. Por trás desta fala da professora Clara, observa-se que o desrespeito não ocorreu pelo ato de roubar, e sim pela falta de confiança dos alunos nela.

Nas falas das duas professoras, ambas trazem cenas envolvendo alunos e de modo implícito revelam o abandono da escola em relação às situações desrespeitosas, visto que lidaram sozinhas com as cenas de desrespeito narradas. Portanto, o sentimento de desrespeito transcende as atitudes dos alunos, envolvendo também o abandono da escola. Assim, novos elementos passam a ser considerados, saindo do aluno como fonte de desrespeito rumo a um contexto mais amplo e complexo.

A desmotivação frente à profissão foi outro sentimento identificado que envolve o desrespeito:

*Em sala de aula, a professora Debora relata para mim seu desânimo com a profissão e comenta ainda que gostaria de mudar, ser médica. - Ainda sonho em fazer Medicina. Na época do vestibular não fiz porque não tinha dinheiro, mas sempre gostei da área da saúde. (Diário de Campo).*

*Quando fui fazer Letras, a maioria da minha turma não queria ser professor, só foi fazer Letras porque não passou no curso de Recursos Humanos (RH). Eu escolhi Letras, porque é um curso importante para todas as áreas, saber escrever é importante. Além disso, sempre gostei de Letras. Eu gosto de ser professora, sempre me vi sendo professora. Desde pequena eu falava que iria ser médica e professora, mas acabei deixando de lado o gosto pela Medicina e fui ser professora. Mas do jeito que a situação está, não vejo outro caminho senão deixar de ser professora, até por uma questão de saúde. Esse ano fiquei muito estressada, durmo mal, chego em casa chateada. Meus pais falaram para eu não ir fazer a prova de atribuição de aulas, falaram que eu não preciso de dinheiro, não preciso me sacrificar tanto, sabe como é*

*pai. Mas no próximo ano quero pegar poucas aulas (Entrevista com a professora Clara).*

Apesar da preocupação com a aprendizagem dos alunos, em vários momentos Debora demonstrou o desejo de mudar de profissão. Nota-se o mesmo sentimento na professora Clara, que apesar de recém-formada, já demonstra sinais de cansaço e desmotivação com a profissão. A desmotivação com a docência não é específico das professoras deste estudo. Estudos na área apontam (Saviani, 2001; Gatti, 2005) para os problemas e dificuldades do sistema educacional público em nosso país. Há um baixo investimento econômico e crescente desvalorização do conhecimento e dos profissionais, além dos reflexos de valores predominantes da sociedade capitalista. Trabalhar em tais condições é um desafio aos professores e o sentimento de desmotivação é um sintoma de todo esse sistema complexo no qual a educação escolar está inserida.

Tal complexidade é objetivada nas falas das professoras, principalmente nos momentos com Debora que sempre se queixava da baixa remuneração salarial (com o conseqüente aumento da carga horária), da culpabilização do professor pelos problemas da educação, da descaracterização da autonomia do professor como profissional perante o sistema educacional, dentre outros fatores citados. Novamente, o desrespeito citado pelas professoras transcende a relação professor-aluno, está vinculado à forma como o sistema educacional é organizado e concebe o professor. Porém, há uma tendência em individualizar os problemas, atribuindo-os somente aos alunos. Tal pensamento é produto da sociedade, que busca as explicações e soluções no âmbito individual e não no coletivo.

Ao estudar o sentimento de desrespeito tão frequente na sociedade, Vidal (2003) constatou que quando o sujeito não tem acesso às condições de vida que julga como digna, queixa-se de “falta de respeito”. As reflexões do autor permite pensar que o sentimento de desrespeito, tão referido pelas professoras, não está vinculado apenas aos alunos mas também às condições em que os professores exercem sua profissão.

O indicador de que o desrespeito não está vinculado apenas aos alunos é coerente principalmente ao observar a mudança de concepção da professora Debora. Se inicialmente os alunos eram concebidos como a principal fonte dos problemas e desgaste com a profissão, ao longo do ano letivo a professora Debora conscientizou-se de que nem sempre os alunos pretendem desrespeitá-la, conforme observa-se a seguir:

*Eles (referindo-se aos alunos de 6º ano) são mais tranquilos. De vez em quando ao chamar a atenção, a criança fica um pouco estressada, mas nunca tive nenhum problema. Já no 9º ano, os alunos querem falar por igual e não é assim que funciona (Entrevista com a professora Debora).*

Nesta fala, observa a mudança de concepção da professora Debora sobre o desrespeito dos alunos de 6º ano. No entanto, se por um lado os alunos de 6º ano não são mais classificados como desrespeitosos, parece que o problema se volta para os alunos do 9º ano. Parece difícil para a professora não atribuir a outro o sentimento que vivencia de ser desrespeitada.

Outro indicador que parece participar da configuração do sentido pelas professoras é o medo. A presença deste sentimento, para as professoras, é associado ao respeito nas relações escolares conforme observa-se a seguir:

*Enquanto os alunos escrevem suas histórias, Debora e eu conversamos e pergunto a ela o que acha do respeito na escola: Hoje em dia tem muita falta de respeito entre os alunos; antigamente quando eu era aluna, tinha medo do professor, nem abria a boca de tanto medo, mas hoje é totalmente oposto (Diário de Campo).*

*(...) acho que a sociedade mudou bastante (...) Quando o professor olhava para a minha cara eu abaixava a cabeça de medo, agora não, você olha para o aluno e ele fala: O que você está olhando? O que você quer? Para de olhar para a minha cara! É assim. (...) Alguns ainda têm medo, tem aquele negócio que você lembra de antigamente (Entrevista com a professora Debora).*

*Não era perfeito, mas havia mais respeito (referindo-se ao respeito em sua época de aluna comparando ao atual). Era mais brincadeira. O professor chamava atenção e o aluno ficava quieto, tinha medo do professor. Eles ficam quietos por causa do medo e não tanto de respeito. O ruim de ser professor mais novo é que não impõe medo nos alunos. Ao questionar a professora se colocar medo nos alunos faz com que eles fiquem em silêncio, ela responde: Não era para ser assim, colocar medo não está correto, mas infelizmente colocar medo é uma solução para os alunos ficarem quietos. Mas isso é medo e não respeito. O que geralmente acontece é que os alunos ficam com medo do professor e ficam quietos e conforme o professor vai dando a matéria eles vão gostando, prestam mais atenção. Quando eu entrei aqui os professores*

*falavam: não mostre os dentes nos primeiros dias. Não era para rir, porque senão os alunos não iriam me respeitar, só que eu não consigo fazer isso, é algo meu, meu jeito. Pergunto se ela acha que a atitude apontada pelos outros professores ajuda, e ela diz: Sim, acho que esse impacto no começo ajuda, porque os alunos te escutam (Entrevista com a professora Clara).*

Quando as professoras se remetem à relação professor-aluno de antigamente, o elemento central abordado é a presença do medo impactado pelo professor. Observa-se na fala da professora Debora a presença do medo na relação entre os alunos e o professor e a sua associação ao respeito à autoridade do professor. Fica claro que, para a professora, a imposição do medo é uma forma do professor ser respeitado. Do mesmo modo, a professora Clara demonstra que, quando aluna, o medo também era exercido pelo professor. Clara parece ter lucidez de que respeitar o professor não é ter medo dele. No entanto, aponta o medo como um caminho para o professor ser respeitado. Ainda, a professora Clara revela a necessidade de afetar o aluno de alguma forma para despertar o interesse. Para ambas as professoras, o sentimento de medo é uma forma de afetar o aluno, que apesar de ser classificado enquanto sentimento negativo, para as professoras pode promover o silêncio no aluno.

Outro conceito que perpassa a concepção das professoras sobre o respeito é o compromisso com o ensino. Foi possível identificar momentos em que o ensino é valorizado e em outros descartados na relação das professoras com os alunos, conforme observa-se a seguir:

*Durante conversa com Debora sobre a correção ortográfica das histórias escritas pelos alunos, a mesma relata: - Mas o Estado diz que não podemos corrigir o aluno. Explico que a intenção não é mudar a ideia do texto, mas melhorar a escrita das histórias. Debora concorda com minha colocação, mas ainda não aceita fazer as correções, justificando-se: Também concordo com isso, acho que temos que corrigir, eu corrijo pelo menos, mas o Estado fala que não podemos corrigir. Outra coisa, acho que ao corrigir as histórias dos alunos em sala de aula, os demais tirarão sarro. Outro professor ali presente entra em cena: E isso pode até gerar bullying! Debora prefere continuar com o projeto de contação de histórias e descartar a possibilidade de corrigir os textos escritos pelos alunos (Diário de Campo).*

*Próximo ao término do ano letivo, Debora sugere finalizar o projeto de contação de histórias com uma produção escrita pelos alunos, que irá fazer parte da nota da disciplina. Desta vez, Debora toma a iniciativa de corrigir as histórias dos alunos, o que não aconteceu no primeiro semestre. Também mobilizou os alunos para contarem as histórias aos demais alunos da classe. Noto que nesse segundo momento, Debora está mais participativa e animada com as produções dos alunos (Diário de Campo).*

*Eu me sinto desrespeitada pelos alunos quando tenho um objetivo, e os alunos não dão atenção e eu não consigo cumprir meu papel que é ensinar (Entrevista professora Clara).*

Nota-se nas cenas envolvendo a professora Debora uma mudança em relação à prática de correção das produções dos alunos. Na primeira cena, a professora recusa a correção, justificando que causaria *bullying*. Neste momento, parece que o *bullying* tão divulgado atualmente é uma válvula de escape para a professora não se implicar profissionalmente com as histórias escritas pelos alunos. No entanto, no final do ano letivo, a professora propôs a escrita e sua correção, motivada em ajudar os alunos a melhorarem a redação. A professora Debora oscila entre momentos de motivação e desmotivação, sendo o primeiro mais frequente em suas relações com os alunos. Já a professora Clara, parece ter consciência de seu papel na escola, sentindo-se desrespeitada quando não consegue exercer sua função.

Ainda que haja momentos de avanços e retrocessos, parece que ambas as professoras são conscientes de seu papel na escola, no que se refere à transmissão do conhecimento aos alunos. Este é um indicador central nas relações de respeito com o aluno. Para Vigotski (1931), a escola tem o papel fundamental de proporcionar o acesso ao conhecimento construído ao longo da história, em que a criança só tem a oportunidade de aprender na escola. O autor nomeou os conteúdos aprendidos na escola como conceitos científicos, os quais influenciam o desenvolvimento psíquico do sujeito. O acesso aos conceitos científicos influencia o modo de pensar sobre si e sobre o mundo, em uma dimensão mais abstrata e crítica da realidade. O pensamento crítico, tanto almejado na formação dos alunos, só é possível ser alcançado pelo acesso aos conceitos científicos. Portanto, isto significa que quando o aluno não alcança tais conceitos, está sendo, de certo modo, excluído da possibilidade de desenvolver seu pensamento e de ser sujeito.

Avançando na análise, outro elemento que se destacou nas falas das professoras foi as relações familiares. Às famílias dos alunos é atribuída, via de regra, a responsabilidade pela

falta de respeito dos alunos, haja vista os vários momentos em que as famílias foram citadas pelas professoras como responsáveis pelas atitudes de desrespeito dos alunos.

*Eu não sei se isso vem de casa (referindo-se ao desrespeito dos alunos); eu acredito que sim, porque não existe regra e aí ao vir para a escola, não seguem as regras (...) e tem muitos casos problemáticos, pai e mãe alcoólatras, o pai bate na mãe e a criança vê; às vezes a criança não dorme a noite inteira para cuidar da mãe ou pai, aí vem na escola e dá trabalho (Entrevista professora Debora).*

*Os professores sempre falavam que os alunos não tinham respeito e que isso era da família, mas eu não concordo muito com isso. Acho que a família é importante, mas às vezes tem alunos que não respeitam e vivem em uma família boa como também tem aqueles que respeitam e que vieram de uma família desestruturada (Entrevista professora Clara).*

*Acho que vem da família (referindo-se ao desrespeito na sociedade), da própria pessoa, o ambiente em que a pessoa vive. Tem vários fatores. Também tem relação com a personalidade da pessoa, às vezes a pessoa não tem vontade. Aqui na escola, por exemplo, tem alunos sem vontade, que não querem participar e isso para mim é desrespeito. Os alunos não sabem escutar, não escutam o colega e nem a si próprio (Entrevista professora Clara).*

Observa-se que, para as professoras, a família influencia as atitudes dos alunos. A professora Debora associa a indisciplina de alguns alunos à suas famílias, principalmente quando a violência e uso de drogas estão presentes no ambiente familiar. Por outro lado, observa-se na fala da professora Clara a tentativa de resistir às representações da escola para explicar o desrespeito dos alunos. Entretanto, ao ser questionada sobre os motivos do desrespeito na sociedade, a professora se volta ao indivíduo, atribuindo a culpa às famílias e à própria pessoa. Apesar da tentativa de não reproduzir os discursos dos professores, parece difícil não sucumbir aos valores e representações da escola, visto que a culpabilização das famílias é algo frequente. Portanto, para ambas as professoras o desrespeito dos alunos, muitas vezes, vem de casa.

Segundo Dias (2009), família e escola constituem-se contextos de fundamental importância para o desenvolvimento do sujeito. Entretanto, questiona-se como tal relação transcorre na realidade da escola em que, muitas vezes, os profissionais buscam os motivos

dos problemas encontrados em sua prática nas famílias dos alunos. Assim, é necessária uma reflexão crítica sobre as causas do desrespeito dos alunos, focalizando, principalmente, no que a escola pode contribuir para favorecer o processo de desenvolvimento discente.

#### **4. Considerações Finais**

Frente ao objetivo de problematizar e compreender alguns dos elementos que dificultam o fazer docente na atual conjuntura, destacou-se a dimensão dos valores morais (como o respeito) nas práticas escolares como principal queixa apresentada pelas professoras sujeitas da pesquisa.

Foi possível acessar que as professoras apresentam clareza sobre seu papel na formação do aluno, demonstrado pelo compromisso que possuem com seus alunos em relação ao ensino e as permanentes reflexões sobre os impasses que permeiam a prática docente. As professoras participantes da pesquisa, demonstram como queixa central a falta de respeito que sentem na relação com os alunos, o qual é compreendido de modo naturalizado pelas docentes, fruto de uma representação histórica de que os alunos “não respeitam”.

O processo de significação da relação das professoras com os alunos enquanto desrespeito está associado ao comportamento dos discentes de fala alta e simultânea, além da movimentação constante dos alunos em sala de aula. Na tentativa de justificar o comportamento denominado de “desrespeitoso” pelos alunos, as professoras buscam encontrar culpados para explicar as dificuldades que vivem cotidianamente, atribuindo a causa ao próprio aluno ou em suas famílias.

Ainda, constatou-se que apesar das professoras atribuírem aos alunos a causa do desrespeito que convivem cotidianamente, observou-se que tal sentimento é fruto de um contexto muito mais complexo, ao qual envolvem as condições de trabalho que os docentes estão submetidos e ao modo como as relações se constituem dentro do muro das escolas, sem a presença de ações coletivas que permitam pensar e buscar caminhos para os inúmeros desafios que permeiam o contexto escolar.

A partir deste estudo destaca-se a importância da criação de espaços de reflexão e formação de professores, de modo que os mesmos não se sintam como únicos responsáveis e culpados pelos dilemas e problemas que ocorrem dentro do espaço escolar e que são reflexos de um contexto social e político muito maior. Destaca-se ainda, a necessidade de pesquisas que busquem iluminar os desafios enfrentados por professores na prática docente, permitindo compreender os elementos que favorecem o adoecimento dos professores. Sendo assim,

muitos são os desafios a serem enfrentados na educação pública, contudo, o que o presente artigo buscou contribuir é na problematização e compreensão sobre o modo como a questão do respeito é representada nas práticas docentes.

## Referências

Abacar, M., Aliante, G., & António, F. (2020). Burnout em professores do ensino secundário. *Research, Society and Development*, 9(7), 1-25.

Barbosa, E. T., & Souza, V. L. T. (2015). Sentidos do Respeito para Alunos: uma Análise na Perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural. *Psicologia ciência e profissão*, 35 (2), 255-270.

Bock, A. M. B. (2004). A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. *Cadernos Cedes*, 24 (62), 26-43.

Dias, A. T. T. (2009). *Pesquisando a relação família-escola: o que revelam as teses e dissertações dos programas de pós-graduação brasileiros*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, Brasil.

Gatti, B. (2005). Pesquisa, educação e pós-modernidade: confrontos e dilemas. *Cadernos de Pesquisa*, 35(126), 595-608.

Gonzalez Rey, F. (2005). *Subjetividade, complexidade e pesquisa psicológica*. São Paulo: Pioneira.

Hanzelmann, R. S., *et al.* (2020). Estresse do professor do Ensino Fundamental: o ambiente em evidência. *Research, Society and Development*, 9 (8), 1-20.

Moreira, D. Z., & Rodrigues, M. B. (2018). Saúde mental e trabalho docente. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 23 (3), 236-247.

Oliveira, M. E. (2019). "Piorou a diabetes pelo emocional": precarização do trabalho docente e o adoecimento dos professores paulistas. *Fronteiras & Debates*, 6 (1), 109-129.

Saviani, D. (2001). Educação no Brasil: concepção e desafios para o século XXI. *Histedbr (online)*, 3 (1), 1-7.

Severino, A. J. (2007). Metodologia do trabalho científico. 23° ed. São Paulo: Cortez.

Soares, M. M., Oliveira, T. G. D., & Batista, E. C. (2017). O uso de antidepressivos por professores. *REVASF*, 7(12), 100-117.

Souza, V. L. T. (2005). *Escola e Construção de valores: desafios à formação do aluno e do professor*. São Paulo: Editora Loyola.

Vidal, D. (2003). A linguagem do respeito: A experiência brasileira e o sentido da cidadania nas democracias modernas. *Revista de ciências sociais*, 46(2) , 265-287.

Vygotski, L. S. (2006). *Obras Escogidas IV- Psicología Infantil* (2° ed.). Madrid: A. Machado Libros.

Vygotski, L. V. (1997). *Obras Escogidas V*. Madrid: Visor.

Vygotski, L.V. (1995). *Obras Escogidas III*. Madrid: Visor.

Vygotsky, L. S. (1991). *Pensamento e Linguagem* (3°ed.). São Paulo: Martins Fontes.

#### **Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito**

Eveline Tonelotto Barbosa Pott – 100%